

# PRIMEIRA PARTE

*Sobre sete colinas, que são outros tantos pontos de observação de onde se podem desfrutar magníficos panoramas, espalha-se a vasta, irregular e multicolorida massa de casas que constitui Lisboa.*

In: *Lisboa: O Que o Turista Deve Ver*,  
1925, por Fernando Pessoa

# PRÓLOGO

## MOSTEIRO DOS JERÓNIMOS, 1833

No espaço vazio do Mosteiro, um silêncio suave nascia da ausência de rezas e perdia-se na altura dos tetos sagrados de uma longa madrugada de inverno.

O pesado tecido do hábito de Frei Lourenço abafava o murmúrio dos seus passos ao longo da Igreja de Santa Maria de Belém, e a chama frágil da vela na sua mão, uma companhia reconfortante.

Ele permitiu aos seus olhos uma breve fuga da proteção do capuz, num discreto vislumbre do altar-mor.

Ali, encontrou quatro figuras, tão idênticas entre si como espelhos dele mesmo. Também elas estavam ocultadas sob capas brancas e também elas seguravam velas das quais se alimentavam quatro línguas de fogo imóveis, a aguardar pacientemente pela companhia da sua.

Frei Lourenço voltou à reclusão do capuz. A coberto dele, o som da chuva a fustigar as gigantes vidraças da igreja tornava-se abafado e a voz da água menos pressagiosa.

Continuou a caminhar por entre os sussurros do hábito castanho e da capa branca. As sandálias pobres que trazia nos pés tinham perdido a resistência de anos anteriores e deixavam que a pedra do chão sagrado os acariciasse com um frio gélido.

Os quatro monges que o observavam junto do altar-mor moveram-se pela primeira vez, para o receberem num círculo perfeito, e as velas de cada um deles aguardaram que os hábitos se silenciassem e os crucifixos de madeira se imobilizassem.

Metódicos, os cinco estenderam o braço direito para o centro do círculo, abriram as mãos e revelaram quatro pequenas peças metálicas cravejadas de pedras preciosas que cada um guardava. Apenas as mãos de Frei Lourenço carregavam algo diferente: uma caixa. Uma caixa tão preciosa e cintilante como as restantes peças.

Por mais de cinquenta anos que repetia aquele ritual de um secretismo mudo e inquebrável, mas, pela primeira vez, Frei Lourenço elevou uma mão bondosa até ao capuz e afastou-o, revelando o paciente olhar azul do seu rosto magro e enrugado.

Com a resignação de quem é forçado pelas circunstâncias a quebrar a segurança sábia da tradição, os restantes monges copiaram-lhe o movimento.

As velas continuavam silenciosas, mas agora a sua luz expunha os rostos mais recentes que os capuzes tinham ocultado durante mais de trezentos anos de sucessivas gerações de Paladinos.

Um dos rostos era tão antigo como o do frei, mas distinto pela calvície. O segundo parecia ter pouco mais de quarenta anos e a sua pele escura contrastava com a lividez dos dois anteriores. O terceiro destacava-se por um longo nariz reto que albergava uma cicatriz antiga. Em poucos segundos, todos os olhares estavam no quarto e último rosto, jovem, demasiado jovem para o que os restantes esperavam.

Embora surpreendidos, um a um, os monges afastaram a surpresa para regressarem à razão daquele encontro, que, sabiam, seria o último.

— Como vamos fazer? — perguntou de imediato o mais jovem dos monges. A sua jovem idade abençoava-o com a liberdade de demonstrar o receio e a insegurança que os restantes partilhavam, mas escondiam por dever.

Todos voltaram a esticar as mãos para o centro e a abri-las. Pedras preciosas reluziam, aconchegadas no metal, com o brilho vaidoso que só o poder confere.

— A Ordem de São Jerónimo só foi um refúgio seguro enquanto nos mantivemos dentro do Mosteiro — disse o monge de pele escura, olhando a caixa.

Todos os outros acenaram em concordância.

— Agora a ordem foi dissolvida... — lamentou o rosto jovem.

— E todos nós teremos de abandonar o Mosteiro — completou o monge calvo, numa voz trágica.

— Alguém tem uma sugestão do que devemos fazer? — perguntou Frei Lourenço, focando o diálogo na solução. — Presentemente, somos os guardiões e, embora nada nos tenha preparado para esta prova, temos o dever de encontrar o caminho certo.

Permaneceram em silêncio. Os seus olhares de volta ao conjunto de mãos que se juntava.

— Se não há mais nenhuma ideia, penso que a minha proposta terá de servir — disse Frei Lourenço, num suspiro que não mostrava alívio, apenas resignação. — Alaíade terá de ser unificada e um de nós terá de ficar com ambas. A Caixa e a Chave.

O secretismo do encontro conteve o murmurinho de inquietação que agitou os homens de Deus, e apenas os seus olhos inquietos tiveram a liberdade de se cruzar e partilhar o nervosismo.

O monge de nariz proeminente formulou a pergunta que era de todos:

— Quem? Qual de nós terá de as guardar?

Um suspiro de pesar. Quatro olhares nervosos.

— Tu — disse Frei Lourenço para o rosto mais jovem entre eles.

Todas as velas se elevaram até aos rostos daqueles que as carregavam e as suas chamas foram apagadas por seis sopros silenciosos.

O que se passaria a seguir ninguém devia ver.

# CAPÍTULO 1

## LISBOA, BAIXA-CHIADO, ATUALIDADE

As mais antigas e famosas ruas de Lisboa eram de novo invadidas por uma multidão de estudantes universitários na abertura do novo ano letivo.

Com os corações divididos entre o desânimo pelo final do verão e a euforia pela loucura das praxes, os estudantes desfilavam ao longo das calçadas históricas do Chiado com o traje acadêmico, entoando canções e atraindo as atenções.

A folia passeava pelas ruas.

Em sentido contrário ao do desfile, uma figura feminina franzina de beleza tão discreta como a sua presença subia a Rua do Carmo, apertando um conjunto de livros junto ao peito e tentando passar incólume pelo freem-sim. Isadora reconheceu alguns dos rostos trajados a rigor. Eram colegas da Faculdade de Belas-Artes. Tinha a certeza de que entre eles estaria Andrea, a sua melhor amiga, que adorava tanto aquele evento acadêmico quanto ela o evitava. No instante em que a viu destacar-se num dos grupos pela estatura, que fazia inveja a qualquer aspirante a modelo, Isadora enterrou o chapéu que trazia na cabeça, tentando encobrir a sua identidade, e apressou o passo. A sua respiração ficou presa nos breves segundos que se seguiram, como se isso a pudesse tornar mais invisível ou silenciosa do que já estava nos rebordos do alvoroço que desfilava ao seu lado.

Alguns metros depois, Andrea e o seu perigoso entusiasmo tinham passado. Isadora ajustou o chapéu para uma posição normal e com um suspiro espreitou para trás, certificando-se de que estava a salvo e de que se podia permitir um sorriso vitorioso. Mas antes de encontrar o exuberante cabelo loiro da amiga na multidão embateu numa pessoa que seguia em sentido contrário.

— Desculpe — balbuciou enquanto tentava uma arrojada manobra de equilíbrio para não deixar cair os livros no chão. O esforço foi inglório, e

no mesmo instante, não só os livros estavam espalhados, como também ela corria o risco de lhes seguir o caminho.

Num autêntico momento hollywoodesco, mãos mágicas alcançaram-na e uns braços masculinos tomaram-na num abraço forte, impedindo-a de cair.

— Esta foi por pouco — disse a voz jovial, com acentuado sotaque francês.

Ao levantar o olhar para conhecer o seu inesperado salvador, Isadora encontrou um rosto sorridente que a fitava com o olhar mais verde que algum dia vira.

— Obrigada — balbuciou, retribuindo desajeitadamente o sorriso. Sentiu o rosto a aquecer subitamente num rubor. «Que vergonha!», praguejou em segredo pela incapacidade crónica de controlar o reflexo. «Era mesmo disto que estava a precisar... não, não...» Numa tentativa de fuga e autopreservação, soltou-se dos braços dele, baixando-se para apanhar os livros e esconder o embaraço.

— Peço desculpa — disse ele, baixando-se com ela —, estava distraído a ver...

— Sim — interrompeu-o —, eu também. Peço desculpa. — Com todos os livros reunidos, voltou a enterrar o chapéu na cabeça, e se fosse possível alongá-lo até ao pescoço, ela com certeza fá-lo-ia, tal era o ardor que lhe queimava o rosto. Isadora podia ser uma mente artística, criativa e brilhante, mas era um desastre no que dizia respeito a relações pessoais e não estava nos seus planos fazer nada para o melhorar.

— Estás bem? — perguntou o belo estranho.

A resposta dela foi um aceno afirmativo, acompanhado de um murmúrio impercetível, que a poupavam de ter de o olhar mais uma vez. Além de sentir a pele ainda numa brasa dolorosa, a imagem do sorriso daquele estranho continuava presente o suficiente e não precisava de ser revista. Era capaz de o desenhar detalhadamente para o resto da vida. «Por puro interesse artístico», justificou para ninguém.

— Tens a certeza? — voltou ele a perguntar, com a voz tocada pelo sorriso.

— Sim. Sim — garantiu, apressada —, está tudo bem. — A mão dele continuava a segurar-lhe o braço como se receasse que ela voltasse a desequilibrar-se a qualquer momento. Isadora percebeu que um olhar fugaz seria a forma mais rápida de retomar o seu caminho. Levantou o olhar até ele e esboçou o sorriso mais perfeito para a situação. Ele era ainda mais real num segundo olhar. «Má decisão, Isadora... má decisão.»

— Pierre — apresentou-se ele, descolando finalmente a mão do braço dela e oferecendo-lha para um cumprimento formal.

Mais surpresa do que intrigada pela apresentação, Isadora ainda tentou ponderar, mas a sua mão decidiu agir por conta própria e escondeu-se na dele, deixando-se segurar mais tempo do que o necessário. «Turista, francês, e simpático. Ora, ora... a minha sorte...»

— Prazer — respondeu ela a meia voz. Sem se aperceber, o rubor já tinha desaparecido e olhava agora o rosto dele, analisando-o e memorizando-o em pormenor e sem cerimónia. «Olhos grandes, profundos e rasgados; nariz e maxilar, uma homenagem à geometria; pele, talvez o mármore afinal possa ser suave e quente; cabelo, linear, e a inveja do sol; sorriso...» Ao sentir os próprios lábios a esticarem-se num sorriso espontâneo, Isadora libertou de súbito a mão como se esta pudesse revelar-lhe os pensamentos.

Balbuciando atabalhoadamente algumas palavras entrecortadas e repetições que pretendiam ser uma desculpa amável para explicar que estava com pressa, pôs-se em fuga e continuou a subir a Rua do Carmo na direção dos Armazéns do Chiado.

«O que foi aquilo?», perguntou-se, restringindo o passo ao ritmo mais calmo e confiante possível de encenar e deixando o sorriso tomar-lhe conta do rosto mais uma vez. Sentiu uma enorme vontade de soltar uma gargalhada. Mas para sua surpresa, a cada novo passo dado, aquela euforia inebriante e completamente impossível de explicar começou a esvanecer-se, deixando um vazio proporcionalmente perturbador. Isadora apercebeu-se de que os seus passos a afastavam daquele estranho, que em escassos segundos, assumia uma importância irracional na sua mente e que provavelmente nunca mais o iria ver.

Queria olhar para trás, mas sabia que não devia querê-lo.

Sentia-se como uma adolescente deslumbrada, inconsequente e irrealista, mas não precisava de se comportar assim. «E se for a última oportunidade para o ver?», perguntou-se. Afinal, um último olhar à distância e a coberto do tumulto de pessoas não teria qualquer consequência. «Apenas um olhar para um estranho no meio da multidão», justificou-se enquanto se voltava.

Sem que nenhum tivesse de procurar o outro, os seus olhares encontraram-se no mesmo instante. Os sons atropelados dos caloiros e das conversas dos transeuntes silenciaram-se. Por segundos, o verde dos olhos dele e o azul profundo dos dela eram para ambos a cor predominante no manto humano que os rodeava.

Pierre continuou no mesmo sítio onde ela o deixara e, de mãos guardadas nos bolsos das calças de ganga, olhava-a sem reservas, com a mesma expressão leve e sorridente com que a segurara nos braços minutos antes.

Despertada pelo regresso dos apitos dos caloiros, Isadora obrigou-se a regressar ao seu estado natural de lucidez e voltou ao seu caminho. Com um ligeiro aceno de cabeça incrédulo, começou a descer a Rua Nova do Almada, escondendo o sorriso nas distantes floreiras coloridas penduradas nas janelas das fachadas.

A figura singela de Isadora desapareceu e Pierre continuou sem se mover, com o olhar na linha do horizonte na qual os cabelos ruivos tinham sido a sua última visão dela.

— O que pensas que estás a fazer!?! — questionou uma voz ríspida e dura junto dele.

Pierre voltou-se e sorriu sem restrições para o recém-chegado, cuja imagem poderia ser o seu reflexo num espelho — Danton.

À margem dos festejos e expressões submersas em sorrisos que continuavam a desfilar, os dois rostos gémeos fitaram-se. Desafio encontrou ódio.